

Disputas em torno do direito de dizer: Perspectivas sobre gênero dentro do feminismo radical

Disputes around the right to say: Perspectives on gender within radical feminism

Disputas en torno al derecho a decir: Perspectivas de género en el feminismo radical

D'Angelles Coutinho Vieira¹

Resumo

Múltiplos têm sido os entendimentos sobre o termo gênero na sociedade de hoje, e eles denotam posições sociais distintas. Gênero pode ser visto como sinônimo de um sexo biológico, como performatividade, ou mesmo parte de uma ideologia que visa derrubar os valores tradicionais. Esse termo inclusive tem gerado conflitos entre setores do feminismo, como o feminismo radical e o transfeminismo. Isso significa que embates em torno deste termo refletem a possibilidade de inserção ou exclusão na sociedade. Tendo isso em mente, neste artigo busco investigar como especificamente o feminismo radical tem explorado o conceito de gênero. Para isso, 295 matérias do portal QG Feminista foram classificadas utilizando o *software* IRAMUTEQ e analisadas considerando a perspectiva da análise de discurso de Michel Foucault. No geral, foi possível perceber que os diversos temas levantados em torno da ideia de gênero se interligam com a noção fundamental que separa homens e mulheres com base num discurso bio-lógico, e que perspectivas distintas dessa visão são lidas de forma hostil. Gênero, nesse sentido, diz respeito a expectativas sociais e comportamento de corpos que, no fim, já foram genericificados.

Palavras-Chave: Gênero; Discurso; Feminismo Radical.

Abstract

There have been multiple understandings of the term gender in today's society, and they denote different social positions. Gender can be seen as synonymous of a biological sex, performativity, or even part of an ideology that aims to overthrow traditional values. This term has even generated conflicts between sectors of feminism, such as radical feminism and transfeminism. This means that clashes around this term reflect the possibility of insertion or exclusion in society. With that in mind, in this article I seek to investigate how specifically radical feminism has explored the concept of gender. For this, 295 articles from the QG Feminista portal were classified using the IRAMUTEQ software and analyzed considering the perspective of Michel Foucault's discourse analysis. In general, it was possible to perceive that the various themes raised around the idea of gender are intertwined with the fundamental notion that separates men and women based on a bio-

¹ Pessoa não binária com graduação em psicologia, mestrado em psicologia social e especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPB. Atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFPB), na linha de Teoria de Gênero e Estudos da Sexualidade, e é graduanda em ciências sociais pela Universidade Cruzeiro do Sul. É sócio-fundadora do Coletivo Não Binária PB, criado em 2021, dentro do qual atua em projetos sociais e articula espaços de formação/discussão sobre gênero, diversidade e direitos junto à sociedade e aos órgãos públicos.

logical discourse, and that different perspectives of this vision are read in a hostile way. Gender, in this sense, concerns social expectations and behavior of bodies that, in the end, have already been gendered.

Key-Words: Gender; Discourse; Radical Feminism.

Resumen

Ha habido múltiples interpretaciones del término género en la sociedad actual, y denotan diferentes posiciones sociales. El género puede verse como sinónimo de sexo biológico, performatividad, o incluso como parte de una ideología que apunta a derrocar los valores tradicionales. Este término incluso ha generado conflictos entre sectores del feminismo, como el feminismo radical y el transfeminismo. Esto quiere decir que los enfrentamientos en torno a este término reflejan la posibilidad de inserción o exclusión en la sociedad. Con eso en mente, en este artículo busco investigar cómo específicamente el feminismo radical ha explorado el concepto de género. Para ello, 295 artículos del portal QG Feminista fueron clasificados mediante el software IRAMUTEQ y analizados bajo la perspectiva del análisis del discurso de Michel Foucault. En general, se pudo apreciar que las diversas temáticas planteadas en torno a la idea de género se entrelazan con la noción fundamental que separa a hombres y mujeres a partir de un discurso bio-lógico, y que distintas perspectivas de esta visión se leen en un forma hostil. El género, en este sentido, se refiere a las expectativas sociales y el comportamiento de los cuerpos que, al final, ya han sido generizados.

Palabras-Clave: Género; Discurso; Feminismo Radical.

Introdução

Hoje em dia, na sociedade em que vivemos, parece ser comum ouvir a palavra gênero fazendo referência à classificação de seres humanos em homens e mulheres. Por exemplo, ver a expressão “gênero” num formulário a ser preenchido já não parece gerar dúvidas entre as pessoas. Ao mesmo tempo, termos como “identidade de gênero”, “desigualdades de gênero” ou mesmo “ideologia de gênero” parecem estar se tornando cada vez mais familiares na sociedade.

Mas o que significa exatamente o termo gênero? Desde as pesquisas de John Money e Robert Stoller, na década de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, já havia diferenças no conceito de gênero que se ligavam aos interesses investigativos ou às perspectivas teóricas de cada um. Em Money, o interesse era identificar qual seria o “verdadeiro sexo” em crianças intersexuais, considerando como válidas apenas as formações anatômicas consideradas “masculinas” e “femininas” (GERMON, 2009). Stoller, por sua vez, dialogava com a psicanálise para compreender de que forma as pessoas viviam fantasias ligadas ao “masculino” e ao “feminino”. Na visão dele, caso

houvesse desajuste entre sexo e gênero, então uma cirurgia de redesignação sexual seria adequada para corrigir o problema (BENTO, 2006).

Com a crescente popularização do termo na sociedade, sobretudo por intermédio dos movimentos feministas, a condição polissêmica do termo gênero ganhou dimensões ainda maiores. Na maioria dos casos a expressão gênero é utilizada como um sinônimo para “sexo biológico” (CARVALHO; RABAY, 2015), representando, talvez, apenas uma troca de termos². Em contextos mais específicos, como o acadêmico e de movimentos feministas, é possível perceber que gênero é compreendido em função de termos como identidade, performatividade, papéis sociais ou mesmo em relação à colonização (BUTLER, 2003; LUGONES, 2020). Há ainda espaços nos quais se compreende gênero como uma ameaça à ordem tradicional da sociedade, e aqui se fala em “ideologia de gênero” (JUNQUEIRA, 2018) ou na ideia de que “Nosso gênero vem de Deus”³.

Mesmo quando se trata de um mesmo grupo, como é o caso do movimento feminista, é possível perceber dissonâncias em torno do conceito de gênero. O embate entre o feminismo radical e o transfeminismo pode ser o exemplo mais notável, pois é por meio de um entendimento sobre gênero que é possível desenhar quais corpos e quais vivências podem ser objeto do feminismo. Por um lado, é comum ver entre feministas radicais o argumento de que mulheres trans não são mulheres, pois para ser mulher seria necessário possuir uma “biologia feminina” (CYRINO, 2023), argumento esse que também é utilizado por pessoas ligadas ao pensamento mais conservador na sociedade⁴. Por outro lado, pessoas no transfeminismo, ou que apoiam pessoas trans, travestis e não binárias, utilizam a expressão *TERF* (*Transgender-Exclusionary Radical Feminist*, ou Feminista Radical Transexcludente) para se referir à feministas radicais, e afirmam que o corpo não define quem é homem ou mulher (NASCIMENTO, 2021).

² Numa pesquisa sobre a relação entre preconceito e estereótipos, realizada em 2016, decidi inserir as perguntas “sexo” e “gênero” na parte dos dados sócio-demográficos do questionário que foi utilizado. Com isso, muitas pessoas perguntaram por que elas precisavam responder sobre gênero, pois já haviam informado o sexo.

³ Título de uma música gospel cantada pelo grupo Trio R3. A íntegra da música pode ser acessada no link: <https://www.youtube.com/watch?v=vXo7cyfRLAc>

⁴ A fala do ex-ministro da educação Milton Ribeiro pode ser um exemplo disto, quando ele diz “A biologia, a natureza, diz que ele é homem, é XY, mas eles querem dizer que a pessoa pode escolher o que quer. Não pode ser assim”. A fala na íntegra pode ser acessada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZiismqWeKSM>

É nesse ínterim que se percebe uma disputa em torno de um discurso sobre gênero, pois, pela disseminação de uma verdade sobre gênero, é possível construir sujeitos que se enxergam a partir de uma determinada leitura sobre o mundo (FOUCAULT, 1996, 1988; LOURO, 2018). Neste artigo, portanto, pretendo investigar como especificamente o feminismo radical tem explorado o conceito de gênero. De forma mais específica, pretendo: (1) descrever o espectro de argumentos, temas e discussões que se destacam dentro do feminismo radical, de modo a construir um panorama acerca da visão do movimento; (2) situar o conceito de gênero dentro da constelação argumentativa do feminismo radical; e (3) refletir sobre as razões pelas quais o feminismo radical articula sua leitura específica de mundo.

Do ponto de vista social, esse tema carrega sua relevância na medida em que se percebem ataques direcionados às populações dissidentes de gênero. Quando havia maior apelo social frente ao argumento de que homens e mulheres se definiriam por meio de aspectos biológicos, os direitos daquelas pessoas que desafiavam tais normas de gênero eram negados, e elas eram tratadas como criminosas. Portanto, o que se tem por trás das discussões de gênero é o direito e o espaço de determinados grupos na sociedade. No plano teórico, é importante dimensionar em que contexto, ou sob quais condições, se produzem argumentos que podem conflitar com a experiência de vida de outros grupos na sociedade. Nesse caso, é importante situar e descrever tais grupos, para, então, compreender como se produzem seus argumentos. Por fim, num plano pessoal, este estudo afeta diretamente a minha vida enquanto pessoa dissidente de gênero, pois sinto que minha existência e experiência de vida parecem incompreensíveis ou simplesmente falsas para determinados grupos na sociedade, dentre eles o feminismo radical.

Tendo isso em mente, o artigo se estrutura em 4 seções subsequentes. Na seção seguinte, intitulada “Discurso e seus efeitos na sociedade”, abordo, em diálogo com pensamentos da psicologia social, a perspectiva foucaultiana para compreender o discurso e seus efeitos na sociedade. Em seguida, na seção de título “Considerações metodológicas”, descrevo as características metodológicas da pesquisa que foi realizada. Na sequência, apresento os principais resultados da pesquisa em conjunto com uma discussão acerca do que foi encontrado. Por fim, apresento algumas considerações finais sobre o assunto e as referências bibliográficas utilizadas.

Discurso e seus efeitos na sociedade

A palavra discurso tem ligação com a expressão *discurrere* no latim, que significa, dentre várias coisas, “seguir um curso”, “correr por”, “atravessar”. Portanto, há na ideia de discurso a noção de movimento e de construção de sentido. Entender um discurso a partir de uma expressão linguística, não necessariamente verbal, significa percorrer este caminho de construção de sentido, sem, no entanto, buscar nele uma trajetória linear ou inteiramente coerente.

As abordagens discursivas, aquelas que se estruturam em torno da ideia do discurso, buscam evidenciar que a linguagem também constrói formas de entendimento compartilhadas sobre o mundo, além de edificar pensamentos e subjetividades. Isso significa que, neste caso, se entende que a linguagem cumpre as funções que vão para além da representação e da comunicação (CAREGNATO; MUTTI, 2006). A psicologia social discursiva, para citar um exemplo, considera que o discurso seria uma ação que reflete e indica posicionamentos na sociedade. Nesse sentido, a escolha do que se diz também constitui elemento fundamental para entender um dado posicionamento (POTTER; WETHERELL, 1987). Além disso, é necessário situar uma dada prática discursiva dentro do contexto de relações intergrupais, pois um discurso pode traduzir coalisões ou conflitos na sociedade (DOISE, CLEMENCE, LORENZI-CIOLDI, 1993). Ou seja, o ato do discurso é pensado considerando elementos como posicionamentos, escolhas e grupos sociais.

Foucault (1996) também observa a ideia da prática discursiva, mas ele compreende que elas produzem os sujeitos ao invés de serem produzidas por eles. Essa inversão faz sentido na medida em que se entende, pela leitura deste autor, que se constroem formas coletivas de entendimento do mundo que advogam para si o status de verdadeiras. Por meio de uma construção de verdade, confrontam-se as ideias e selecionam-se aquelas que poderiam ser ditas, ou seja, que seriam verdadeiras ou válidas, e assim se edifica uma ordem do discurso que controla o que pode ser dito, onde, quando e como. Por exemplo, apenas um juiz tem a autoridade final para decidir sobre um determinado processo a ele investido pelo governo, não cabendo às partes interessadas fazê-lo em seu nome.

Mas se não se pode dizer tudo em qualquer lugar, então deve existir alguma lógica que traduz essa ordem por trás dos discursos, algo que dá sentido a essa economia da

palavra. Neste ponto, Foucault (1996) argumenta que foram construídos consensos sobre como o mundo funciona que se colocam como saberes. Em um dado momento da sociedade começou-se a falar sobre o “louco”, alguém que seria desprovido de razão, e foi decidido que ele precisaria ser alvo de internações e estudos clínicos. O mesmo ocorreu com a figura do “homossexual”, e, mais recentemente, do “transexual”. Todos esses exemplos constituem expressões de um controle do que poderia ser dito, e de um saber que aglutina o que seria considerado verdadeiro (FOUCAULT, 1978, 1988).

Porém, tais saberes no fundo também são construções discursivas, pois eles revelam, aos olhares mais atentos, as parcialidades e arbitrariedades sob as quais foram edificadas. Contudo, nesta perspectiva não se busca um verdadeiro ou falso por trás dos discursos, nesse sentido Foucault (1981) se afasta da noção clássica de ideologia como uma espécie de ocultamento do real, algo que se constrói para camuflar a verdade das coisas. Do contrário, a própria separação entre verdadeiro e falso é em si um discurso. Nesse sentido, o discurso seria muito mais do que algo que traduz as lutas sociais, ele também seria algo pelo qual se luta, pois ele representa o direito de dizer (FOUCAULT, 1996).

Se o discurso atende a uma construção arbitrária da realidade que indica a permissão para o dizer, então ele se interliga com o poder. Em conjunto, o saber-poder advoga o direito de nomear e de localizar os sujeitos na sociedade. Ao dizer que o “louco” é “doente”, considerando um entendimento compartilhado sobre doença, constrói-se um lugar para este sujeito, expectativas, percepções, aquilo que ele é. O próprio sujeito, atravessado pelo discurso, irá considerar essa proposição para se enxergar, ainda que neste processo também haja elementos de resistência (FOUCAULT, 1988).

Nessa perspectiva, portanto, não se busca por uma verdade por trás de um discurso, tampouco pela verdade em sua ausência, mas entender o que carrega, o que permite seu surgimento, quais diálogos estabelece com outros discursos, quais especificidades contém em si. O autor que pronuncia algo ou escreve um texto, nesse sentido, é entendido como um princípio que articula discursos, pois ele também é construído pelos discursos que circulam na sociedade.

Considerando esse entendimento, mas também tendo como pano de fundo as discussões gerais dentro das abordagens discursivas, pretendo investigar como

especificamente o feminismo radical tem explorado o conceito de gênero. Na seção seguinte, especificarei melhor os detalhes acerca da localização e condução da pesquisa.

Considerações metodológicas

A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, ou seja, aquela em que se consideram os sentidos e significados construídos na atividade humana. Nesse caso, o interesse reside em explorar o universo simbólico de um determinado contexto, considerando também o olhar de quem pesquisa no processo de interpretação da realidade (MINAYO, 2009). Além disso, a pesquisa é de tipo documental, constituindo-se a partir de “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51), e de recorte temporal transversal, no qual se investiga materiais ou pessoas em diferentes estágios ou momentos no tempo ao invés de acompanhar suas transformações longitudinalmente (COZBY, 2003).

Nesse sentido, a pesquisa utiliza documentos provenientes do portal online “QG Feminista”, o qual versa sobre diversos temas considerando a perspectiva do feminismo radical. Atualmente, em julho de 2023, o portal possui 40 mil *likes* no *Facebook* e 94,7 mil seguidores no *Instagram*, o que significa um amplo alcance na sociedade. No dia 05 de junho de 2023 foi feita uma pesquisa dentro deste portal pelo termo “Gênero”, considerando os objetivos da pesquisa, e foram encontradas 295 matérias ou textos contendo este indexador. Os materiais foram acessados e agrupados em um único *corpus* textual utilizando um código em *python* no ambiente Idle 3.11.3, no qual foram instaladas e utilizadas as funções do pacote BS4 (*BeautifulSoup4*) para acessar metadados do site.

O material do *corpus* foi revisado e submetido a um processo de padronização do seu material, considerando o manual de Brigido Vizeu e Ana Maria Justo (2018), para passar por procedimentos de classificação e codificação feitos pelo *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*). Esse *software*, desenvolvido por Pierre Ratinaud, permite realizar análises estatísticas com base em léxicos a partir de *corpus* formados por textos ou tabelas (RATINAUD, 2009). O IRAMUTEQ utiliza o método de classificação do ALCESTE (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segment de Texte*) (REINERT, 1990) para analisar um *corpus* textual,

estruturando o conjunto de dados em segmentos que são agrupados a partir de suas similaridades. Dessa forma o programa produz dimensões (classes) a partir do *corpus* textual e indica as palavras mais relacionadas a cada uma. Essa análise é feita com a técnica da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que gera um dendrograma representando a separação do texto em segmentos menores a partir de análises de frequência, e a técnica da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), a partir da qual é possível visualizar a relação espacial entre as dimensões do *corpus*. Essa etapa foi importante para ter em mãos uma visão panorâmica acerca do conteúdo do material.

Com base no *corpus* classificado e codificado, foi feita uma leitura do material considerando a perspectiva do discurso em Foucault (1996). Nesse caso, se busca no texto aquilo que está para além dele, aquilo que lhe deu inteligibilidade. Por exemplo, podemos observar quais discursos são mobilizados, o que eles carregam, como se relacionam e quais conflitos/coalisões emergem a partir disso, se eles são frequentes, porque eles estão sendo mobilizados e o que permite essa mobilização, de onde estão sendo produzidos, quais eventos importantes podem ser associados à sua produção, e assim por diante. Em suma, no momento da análise se busca multiplicar o texto, percebendo o que permite seu surgimento.

Resultados e discussão

Com o *software* IRAMUTEQ, o *corpus*, inicialmente composto por 295 textos, foi submetido a um processo de quebra em Segmentos de Texto (STs) contendo em média 40 palavras cada. Esse procedimento resultou na formação de 17638 STs, os quais foram analisados pelo *software* considerando critérios de frequência e co-ocorrência de palavras, ou seja, quantas vezes uma palavra aparecia tanto isoladamente como em conjunto a outras (pelo teste de qui-quadrado). Dessa forma, o programa conseguiu classificar 17453 STs (98,95% do *corpus*) em classes ou agrupamentos que representam temas dentro do conjunto total do *corpus*.

Esse procedimento de quebra e agrupamento resultou no dendrograma ilustrado na Figura 1, no qual é possível observar a existência de 5 Classes distintas. Em ordem de representatividade no *corpus*, temos primeiro a Classe 1, com 5799 STs (33,23%); em seguida a Classe 2, com 3383 STs (19,38%); logo após vem a Classe 5, com 3359 STs (19,25%); na

sequência a Classe 3, com 2588 STs (14,83%); e por fim a Classe 4, com 2324 STs (13,32%). Cada Classe possui uma lista de palavras associadas que considera o valor dos testes de qui-quadrado (χ^2), e neste caso foram selecionadas as 18 palavras mais representativas de cada uma. Outras palavras que também apresentaram índices significativos de associação com cada Classe também serão evocadas no transcorrer da descrição das classes, mas, para agora, a lista cumpre ao papel de fornecer uma ideia inicial sobre cada Classe.

Figura 1 – Constituição das Classes e palavras mais associadas a cada uma

Classe 5		Classe 3		Classe 2		Classe 4		Classe 1	
Violências sofridas pelas mulheres		Demarcador do “sexo” e o sujeito do feminismo		Vivências de gênero e suas assimetrias		Organização e Agenda política do movimento		Teoria e visão de mundo no feminismo radical	
19,25%		14,83%		19,38%		13,32%		33,23%	
Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2	Palavras	χ^2
Prostituição	1280,7	Trans	1405,2	Menina	505,6	Organização	533,6	Feminismo	703,9
Saúde	718,7	Pessoa	690,2	Menino	506,4	Movimento	505,2	Opressão	599,7
Deficiência	562,3	Sexo	525,0	Roupa	404,0	Kennedy	441,0	Feminista	554,9
Sexual	432,0	Cirurgia	430,3	Coisa	372,9	Conferência	428,6	Classe	505,3
Tráfico	426,0	Transição	403,6	Pornográfico	276,5	Black Power	417,8	Patriarcado	500,5
Abuso	416,1	Lésbica	364,7	Garoto	246,0	Sindicato	404,1	Social	445,7
Serviço	407,1	Hormônio	347,7	Quando	245,3	América	402,6	Teoria	430,3
Vítima	393,8	Fêmea	321,3	Amigo	242,3	País	395,7	Patriarcal	398,6
Mental	351,8	Corpo	293,6	Beleza	236,3	Partido	388,4	Sociedade	279,5
Estupro	333,1	Disforia	291,4	Moda	204,7	Indígena	383,0	Queer	255,5
Bordel	317,8	Macho	242,6	Bom	168,0	Nacional	380,6	Dominação	253,9
Violência	307,2	Autista	223,6	Filme	164,7	Campesino	326,4	Movimento	221,9
Comprador	305,7	Masculino	219,8	Cabelo	157,3	Latino	313,7	Sistema	213,7
Cafetão	268,2	Feminino	209,1	Dia	149,9	Internacional	308,7	Estrutura	212,7
Gravidez	256,8	Biológico	200,5	Boneco	146,5	Povo	303,0	Análise	206,1
Aborto	236,2	Homem	199,0	Tamanho	143,5	Reunião	301,2	Libertação	190,5
Crime	234,6	Gameta	181,0	Sempre	141,3	Rural	280,9	Política	189,6
Prisão	223,9	Banheiro	178,9	Bonito	126,2	Terra	262,7	Raça	184,3

Nota: Todas as estatísticas de χ^2 possuem valor $p < 0,0001$.

Fonte: autora (IRAMUTEQ 7 Alpha 2).

Neste primeiro momento também cabe apresentar uma nuvem de palavras constituída a partir dos títulos das 295 matérias, de modo a termos outro elemento para construir a radiografia inicial dos temas abordados no portal. O tamanho de cada palavra,

merecem ser ditos em relação a gênero, mas a seleção é, em si, o efeito de um discurso sobre gênero. Da mesma forma, pela amplitude do espectro é possível perceber o que não é dito ou não aparece, e isso também denota posições e perspectivas acerca de gênero na sociedade. As ausências ficarão evidenciadas na medida em que cada Classe for descrita.

A Classe 1, intitulada “Teoria e visão de mundo no feminismo radical”, enfatiza a luta contra o patriarcado, uma estrutura que representa a efetiva dominação dos homens sobre as mulheres e sobre a sociedade no geral. Nesse sentido, há um esforço em elaborar e teorizar, mobilizando principalmente o referencial teórico do materialismo histórico dialético, sobre como funciona o patriarcado e quais são seus efeitos, bem como de definir termos importantes para o movimento como sexo e gênero. Palavras visíveis na Figura 1, como “Patriarcado”, “Patriarcal”, “Dominação”, e “Estrutura” enfatizam essa ideia, mas também outras como “Capitalista” (posição 23, $\chi^2 = 147,67$, $p < 0,0001$) e “Capitalismo” (posição 24, $\chi^2 = 138,53$, $p < 0,0001$). Adicionalmente, esta Classe também contém discussões sobre conflitos com teorias emergentes, como a perspectiva *Queer*, pois elas ameaçam a materialidade do conceito “mulher”; com o movimento feminista mais amplo, considerado como sendo liberal e individualista; e com o movimento LGBTQIAPNB⁵⁺, visto como um espaço que acolheu um discurso sobre identidade de gênero. Na Figura 1 é possível perceber palavras como “Queer” e “Feminismo” que se ligam a esta ideia, e também palavras como “Butler” (posição 172, $\chi^2 = 30,93$, $p < 0,0001$), “Liberal” (posição 59, $\chi^2 = 71,75$, $p < 0,0001$) e “LGBT” (posição 79, $\chi^2 = 57,56$, $p < 0,0001$).

Exemplos de STs presentes na Classe 1:

Historicamente, o feminismo radical começou com a suposição de que os sexos estão dispostos adversariamente, que os homens têm poder sobre as mulheres e que a sociedade e suas várias relações sociais podem ser melhor compreendidas em termos de sua relação com essa situação.

Mulheres são pessoas do sexo feminino e parte de uma classe historicamente oprimida [...]. O mero fato de sermos mulheres, por termos nascido do sexo feminino, é o que nos posiciona enquanto classe subalterna e direciona nossa experiência no mundo.

⁵ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não Binárias e demais experiências que não cabem na norma social de gênero e de sexualidade.

Gênero, no feminismo, é entendido como os papéis sociais e estereótipos culturais atrelados ao sexo biológico, que produzem a desigualdade e hierarquia entre o sexo masculino e o feminino.

O entendimento de gênero e a exaltação da palavra que o LGBT promove é incompatível com o feminismo. Em vez de ser identificado como o mecanismo de dominação das mulheres, ele é propagado como performance, identidade, essência.

É possível perceber um discurso sobre gênero que se liga ao entendimento hegemônico de que ele se verifica no “sexo biológico”. Ser mulher, neste caso, é nascer com um determinado corpo, algo que confere um status de materialidade. Neste ponto é possível perceber uma definição e uma seleção daquilo que pode entrar no conceito de materialidade, e assim é viável sustentar uma “concretude” para o conceito. Tal discurso se choca com qualquer outro que tencione essa materialidade, sob o argumento de que perderíamos de vista as relações de opressão. Assim, é possível dizer que esse discurso surge mediante uma percepção específica da realidade que enfatiza determinados elementos da experiência e apaga outros, mantendo uma narrativa coerente de organização política baseada numa construção social chamada “materialidade”. Ao mesmo tempo, este discurso se alimenta da produção de verdades oriundas da biologia, as quais funcionam como pilares de sustentação. Gênero, nesse sentido, aparece como uma espécie de superestrutura fundada na base material e biológica do sexo.

A Classe 2, de título “Vivências de gênero e suas assimetrias”, apresenta ideias que enfatizam como os corpos humanos, divididos em sexo masculino e feminino, vivenciam expectativas sociais diferenciadas. As mulheres, o segundo sexo, se submetem a mutilações, ao desrespeito, ao assédio, e são pressionadas a manter a aparência acima do bem-estar. Os termos “Menina”, “Menino”, “Roupa” e “Beleza” imprimem essa ideia, e também outros como “Maquiagem” (posição 25, $\chi^2 = 102,55$, $p < 0,0001$), “Futebol” (posição 37, $\chi^2 = 83,01$, $p < 0,0001$), e “Salto” (posição 40, $\chi^2 = 76,09$, $p < 0,0001$). Além disso, existem críticas a discussões que apresentem o conceito de identidade de gênero e seu ensino dentro das escolas, pois isso estimularia as crianças a rejeitarem seus corpos em favor da ideia de que podem se sentir homens, mulheres ou algo diferente. Além das palavras “Menina” e “Menino” já mencionadas, é válido apresentar as palavras “Escola” (posição 87, $\chi^2 = 47,03$, $p < 0,000$) e “Livro” (posição 163, $\chi^2 = 30,01$, $p < 0,0001$). Esta

classe também mantém relação próxima com a Classe 3 (Ver Figura 3), a qual lida mais diretamente com questões ligada a palavras como “Trans”, “Transição” e “Disforia”.

Exemplos de STs presentes na Classe 2:

Esses livros dizem às crianças que a identidade de gênero é mais importante do que a biologia e que se elas não são como o resto e não querem fazer coisas de menino/de menina, é quase certo de que é porque são trans. [...]. Quem precisa desse diacho de caixa? Livrem-se delas! Ela joga as caixas no chão. É isso que fazemos: colocamos todas as coisas em só uma pilha e todo mundo escolhe.

A primeira lição que é ensinada a uma criança fêmea no seu treinamento é que ela deve transformar-se. Que o seu bem-estar não é tão importante quanto a sua aparência. Do primeiro furo na orelha já nos primeiros dias de vida, às roupas com que é vestida.

A moda pornográfica é parte de nossa cultura pornificada atual, na qual aspectos da pornografia se infiltraram na cultura pop contemporânea, desde a moda e os brinquedos até a televisão e a música.

Steven Universe é um ótimo desenho, cheio de gente não binário, inclusive pessoas não binário que se casam! Isso, caro leitor, é o que o feminismo chama de apagamento feminino, e apagamento lésbico.

Aqui se levanta um discurso sobre gênero que paradoxalmente o reforça e desconstrói, porque novamente conecta a ideia de gênero a um corpo ou sexo, mas, ao mesmo tempo, problematiza o que os corpos podem ou não fazer. Nesse sentido, homens e mulheres seriam duas realidades dadas, a discussão seria o que tais corpos podem ou não fazer, mas a experiência do “corpo mulher” é envolta em violências que começam desde o nascimento. Tudo o que escapa dessa realidade material seria uma construção da identidade de gênero, algo que é reflexo de um liberalismo identitário e de uma ciência médica que diagnostica o desvio com um rótulo, ambos operando no apagamento da ideia do “corpo mulher”. Nesse sentido, surgem conflitos com alguns setores da ciência que trabalham com transformações corporais, e suas verdades são denunciadas como reflexos do liberalismo. Ao mesmo tempo, não existem registros sobre como seria o ponto de vista de uma criança trans, como ela enxerga tudo isso, ou sobre o porquê de ela sentir disforia com seu corpo. No geral, os discursos desta classe denotam uma posição frente ao avanço de discussões sobre identidade de gênero, enfatizando uma realidade material para os corpos e problematizando as regras sociais que os circunscrevem. No fim, material e social são objetos discursivos.

Na Classe 5, intitulada “Violências sofridas pelas mulheres”, temos um conjunto de enunciados que visam abordar as diversas violências que mulheres sofrem na sociedade. Tais violências são um indicativo de que o patriarcado constitui uma realidade que precisa ser combatida. Palavras como “Prostituição”, “Abuso”, “Estupro” e até mesmo “Violência”, destacadas na Figura 1, e vocábulos não listados como “Assédio” (posição 37, $\chi^2 = 138,0$, $p < 0,0001$) e “Violação” (posição 54, $\chi^2 = 109,58$, $p < 0,0001$) denotam reflexos desse sistema patriarcal que produz violações do corpo. Nascer com um corpo específico, nesse sentido, significa ter menos chances de sobreviver no mundo e ter uma vida precarizada se comparada a outros corpos. Nos exemplos é possível ver que o termo “Aborto” (ver Figura 1) é usado para descrever um mecanismo pelo qual sociedades podem selecionar quais corpos não merecem ser gestados.

Exemplos de STs presentes na Classe 5:

Em diversos países é praticado aborto seletivo de fetos de meninas. Na Índia, estima-se que desde a década de 90 é possível que mais de 10 milhões de fetos femininos tenham sido abortados.

Porque menstruamos, gestamos e parimos, nosso acesso à educação é dificultado, porque quando estamos menstruadas precisamos de acesso a banheiros e saneamento básico.

A taxa de prevalência de violência contra mulheres ao longo da vida varia de 16 a 50 por cento. Pelo menos uma em cada cinco mulheres são vítimas de estupro ou de tentativa de estupro ao longo de suas vidas.

A prostituição é prejudicial a todas as mulheres. Mas a prostituição depende da exploração das mulheres mais vulneráveis e marginalizadas.

Em milhares de entrevistas, nós ouvimos homens, mulheres, e mulheres trans em situação de prostituição descreverem a prostituição como estupro pago.

O discurso presente na Classe 5 circula os efeitos nocivos do patriarcado, tendo em vista chamar a atenção de pessoas para um problema que precisa ser resolvido. A vida desse corpo “mulher”, nesse sentido, corre risco de vida ao se desenvolver numa sociedade comandada por homens, argumento presente na discussão da já mencionada Classe 2. Tal discurso depende da leitura fundamental presente na Classe 1 sobre quem é homem e quem é mulher, mas no caso da Classe 5 também se menciona em dois momentos que mulheres trans também sofrem com a prostituição, e em ambos os casos não existe o ímpeto de negar o gênero dessas pessoas (ver exemplos da Classe 5). Essas

passagens não representam o conjunto geral dos argumentos sobre gênero, mas por serem mencionadas indicam que, nesse momento, talvez a violência patriarcal seja mais importante do que definir quem é homem e mulher. Porém, se alguma pessoa trans indicasse uma visão positiva acerca da prostituição, provavelmente a negação de gênero seria evocada em favor de um discurso voltado para os principais interesses do feminismo radical.

A Classe 3, com título “Demarcador do “sexo” e o sujeito do feminismo”, apresenta argumentos para desenhar uma linha que separa homens e mulheres. A delimitação das fronteiras obedece a uma visão bio-lógica, a qual forneceria, em tese, elementos para discernir uma natureza ligada ao dimorfismo sexual⁶. Nesses termos, ter um “pênis” qualifica alguém como homem, logo se este corpo se enxerga como mulher, ele o faz para ameaçar invadir os espaços das mulheres como banheiros e etc. Se um corpo com “vagina” se enxerga como homem, ele foi cooptado pela lógica patriarcal e deseja assumir o status de homem. Em ambos os casos, transpor as barreiras da biologia é algo impossível, portanto homens e mulheres são realidades pré-sociais. Termos observados na Figura 1 como “Trans”, “Sexo”, “Hormônio”, “Biológico” e “Gameta”, além de palavras como “Não binário” (posição 42, $\chi^2 = 100,5$, $p < 0,0001$) e “Intersexuais” (posição 45, $\chi^2 = 90,43$, $p < 0,0001$), dialogam com aquilo que circulam as possibilidades e discursos demarcadores de gênero.

Exemplos de STs presentes na Classe 3:

Nos seres humanos, o sexo é determinado através do sistema XX/XY. Às vezes, ocorrem variações cromossômicas, mas essas variações ainda produzem um homem ou uma mulher. Assim, mesmo com variações de cromossomos, como podemos reconhecer a fêmea? [...] ela produz gametas grandes.

Mulheres trans são pessoas do sexo masculino que se reivindicam mulheres. Homens trans são pessoas do sexo feminino que se reivindicam homens. Falar isso não deveria ser considerado discurso de ódio.

Insistir que as mulheres e as meninas devem renunciar a sua própria segurança, incluindo indivíduos masculinos em espaços femininos, simplesmente com base em autodeclaração, é errado e perigoso.

Mulheres intersexo têm diferenças gonadais comuns, mas com diferenças no desenvolvimento de suas genitálias, como lábios grudados e clitóris aumentados

⁶ Ideia de que existe uma separação entre corpos, ambos constituindo ontologias distintas ao invés de pertencerem a alguma espécie de *continuum* (LAQUEUR, 2001).

[...]. Homens intersexo que têm diferenças gonadais comuns, mas diferenças em seu desenvolvimento reprodutivo, podem, às vezes, desenvolver seios e ter testículos pequenos.

Nesta Classe 3, o discurso se orienta em torno do conflito com visões emergentes sobre gênero, pois eles estariam, na visão defendida pelas matérias, desconectando a ideia de ser homem ou mulher daquela ligada a um corpo biológico. As ideias que borram as fronteiras são vistas como ameaça, reflexos de um patriarcado que não aceitaria a construção de espaços para mulheres cisgênero, e elas mobilizam uma busca mais profunda na anatomia cromossômica por uma verdade que possa sustentar um dado discurso de gênero já pronto. Tal discurso é altamente frequente entre as matérias ligadas a esta classe, pois é necessário combater os efeitos de um patriarcado liberal que opera uma lógica da autoidentificação identitária, inclusive com possibilidades para além do binarismo homem mulher. Gênero, nesse sentido, deveria ser entendido apenas como uma superestrutura que se sobrepõe à materialidade do corpo, aquilo que a sociedade espera dos corpos que fatalmente são carimbados pelo juízo da biologia. Pessoas intersexo, nessa visão, apenas confirmam o modelo dimórfico, e mesmo estes corpos são identificados como “intersexual homem” ou “intersexual mulher”. Nesta Classe, portanto, é possível ver a produção de uma verdade sobre gênero, uma vontade de verdade segundo Foucault (1996).

Por fim, a Classe 4, de título “Organização e Agenda política do movimento”, contém enunciados que enfatizam a necessidade de se construir um movimento global que considere as demandas das mulheres ao redor do mundo. Em alguns momentos a experiência no Brasil ou em outros países é citada, em outros se enfatizam movimentos de mulheres ao redor do mundo, mas essa contextualização é levantada para reforçar o argumento central ligado a uma agenda de internacionalização do movimento. Na Figura 1, podemos destacar algumas palavras como “Organização”, “Movimento”, “Black Power”, “Sindicato”, “Indígena” e “Internacional”, além de outras como “Brasil” (posição 23, $\chi^2 = 234,13$, $p < 0,0001$) e “Global” (posição 27, $\chi^2 = 216,66$, $p < 0,0001$), as quais, em conjunto, enfatizam a ideia central circulada.

Exemplos de STs presentes na Classe 4:

Embora o número de mulheres em cargos de liderança sindical não seja proporcional ao seu envolvimento nas lutas dos trabalhadores ou à sua filiação aos sindicatos, as mulheres estão ganhando mais acesso a cargos de tomada de decisão em alguns países.

Compondo uma longa história de resistência comunal, as mulheres sírias se reuniram por necessidade. O custo da liberdade é um pequeno preço a se pagar em comparação à violência sendo instrumentalizada contra elas pelo governo turco.

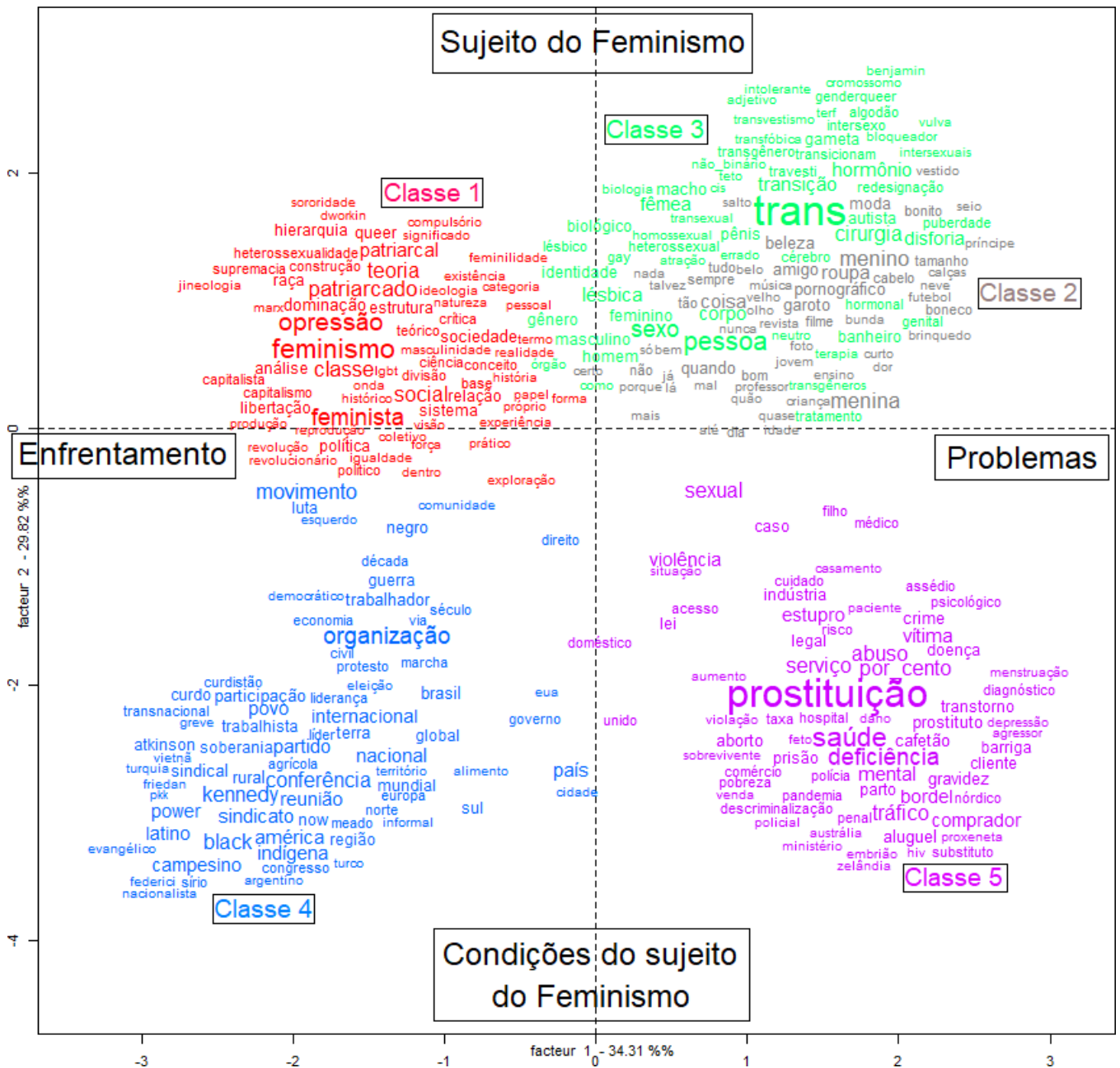
Foi a revolta das mulheres contra o trabalho doméstico na Europa e nos EUA e, mais tarde, o surgimento de movimentos feministas em todo o planeta, nas décadas de 1980 e 1990, que desencadearam o repensar mais radical do marxismo.

Com a institucionalização das demandas das mulheres indígenas, lideranças indígenas femininas passaram a frequentar, cada vez mais, reuniões nacionais e internacionais, o que propiciou a consolidação e a articulação de suas organizações.

Na Classe 4, os discursos são mobilizados para o próprio movimento, pois uma internacionalização atende ao interesse de ampliação da coalisão entre as mulheres contra o patriarcado global. Como o patriarcado é compreendido como uma estrutura social fundada na visão dos homens, a destruição dessa estrutura precisa ser feita de maneira coletiva. A saída do feminismo liberal, nos termos das matérias selecionadas, é individual e identitária, portanto não consegue capturar o patriarcado em sua essência. Nesse sentido, o discurso desta classe dialoga com aquele apresentado na Classe 1, voltada à visão de mundo e de gênero do feminismo radical.

Neste ponto, já é possível descrever as relações entre as cinco classes derivadas do *corpus*. A técnica da AFC, realizada pelo software IRAMUTEQ, produz um plano cartesiano no qual é possível perceber aproximações e afastamentos entre as classes. Com isso, é possível identificar eixos que organizam a discussão como um todo, os quais operam como lógicas que dão sentido à miríade de discussões. Na Figura 3, podemos observar o plano produzido pela AFC.

Figura 3 – AFC ilustrando a relação entre as Classes



Fonte: Autora (IRAMUTEQ 7 Alpha 2).

Quando se observa o plano vertical, fica perceptível que as Classes 1, 2 e 3 situam-se na parte superior da Figura 3, já as Classes 4 e 5 situam-se na parte inferior. Pela leitura do material, é possível perceber que as classes na parte superior tendem a enfatizar quem é o sujeito do feminismo, pois elas buscam identificar o que define quem é homem e quem é mulher, situam a leitura de gênero numa lógica binária, demarcam as fronteiras entre homens e mulheres, e analisam o que a sociedade espera para ambos em termos de comportamento. As classes situadas na parte inferior, por sua vez, apresentam as

condições nas quais o sujeito do feminismo se encontra, enfatizando as desigualdades e violências, mas também condições de organização política.

No eixo horizontal, existe uma separação entre as Classes 1 e 4, situadas à esquerda, das Classes 2, 3 e 5, localizadas à direita na Figura 3. As classes na parte esquerda carregam discussões que enfatizam o enfrentamento, ou a necessidade de enfrentamento, que as mulheres levantam contra o patriarcado, tanto em âmbito teórico como enquanto movimento político organizado. Na parte da direita, as classes apresentam problemas relacionados ao feminismo, seja em relação à ameaça que pessoas trans, travestis ou não binárias fornecem à categoria mulher, seja em relação às condições de exploração sexual, estupro, prostituição, dignidade menstrual, e diversas outras.

De forma panorâmica, é possível perceber que essa constelação de temas surge mediante uma forma de perceber o mundo que busca explicar condições de desigualdade. Quando o principal eixo de opressão é localizado num discurso biológico, as leituras que são percebidas como distintas, como a perspectiva *Queer*, são hostilizadas e entendidas como reflexos do próprio patriarcado, ou ligadas a um feminismo tido como liberal e identitário. Neste ponto, a busca-se na biologia por descobertas de aspectos subcorporais que mantenham a verdade sobre uma dimorfia sexual dos corpos. A luta contra as imposições de gênero seria uma luta contra as expectativas sociais acerca dos corpos, e não contra os processos pelos quais pessoas se sujeitam aos rótulos “homem” ou “mulher” na sociedade. Assim, a ideia da abolição de gênero é simplesmente a eliminação das expectativas sobre os corpos já generificados.

Considerações Finais

A pesquisa teve por objetivo investigar como especificamente o feminismo radical tem explorado o conceito de gênero, considerando um conjunto de matérias sobre gênero extraídas do portal QG Feminista. Ao fim, foi possível perceber que diversos assuntos são tratados em torno da categoria gênero, mas eles mantêm em comum a ideia fundamental que separa os corpos em homens e mulheres. Sem essa distinção parece que toda a estrutura argumentativa entra em colapso, talvez por isso a existência de pessoas trans, travestis e não binárias sempre, ou quase sempre, será vista como ameaça ao movimento.

Nesse sentido, é possível derivar premissas fundamentais para o movimento baseando-me na leitura dos materiais. Primeiro: Homens e mulheres são realidades biológicas e universais. Nesse sentido, a natureza define quem será homem e mulher. Segundo: O demarcador da diferença é principalmente o “sexo”, e ele é intransponível. Assim, o “sexo biológico” define quem é o sujeito do feminismo. Terceiro: As mulheres são subjugadas pelos homens na sociedade, pois a organização social terminou por ser patriarcal. Essa relação social entre os “sexos” é chamada de gênero. E quarto, em caráter conclusivo: As mulheres, o sexo oprimido, precisam se juntar para destituir o patriarcado, abolindo as hierarquias de gênero.

Apesar de tudo, foi possível perceber momentos em que a leitura feita nas matérias do portal se aproximava daquelas presentes na perspectiva *Queer*. Por exemplo, foi mencionado que os corpos poderiam fazer o que quiser, e que separar atividades por gênero é algo limitante. Porém, a distinção na forma como se entende gênero e seus limites, ou mesmo o a ideia de sexo, parece impedir qualquer tipo de diálogo entre as perspectivas.

Do ponto de vista do discurso, foi possível perceber que a visão de gênero presente nas matérias, as quais se ligam a um feminismo radical, se sustenta graças a uma leitura sobre os corpos baseada na biologia, e ela é hostil frente a entendimentos que questionam a verdade arbitrária deste campo. Nesse ínterim, a interpretação feita sobre a ideia de “materialidade”, presente no marxismo, fornece uma validação para uma busca por aquilo que poderia ser acessado de maneira empírica. O resultado disso seria uma espécie de positivismo de gênero, algo que rejeita o aspecto social ligado à leitura dos corpos.

Por fim, é válido dizer que a pesquisa possui limitações. A principal delas é que apenas os dados do portal QG Feminista foram acessados, logo eles podem não representar tão bem o feminismo radical como um todo. Além disso, outras estratégias de levantamento de dados poderiam ter sido utilizadas, como entrevistas, questionários, ou mesmo interação em páginas virtuais.

Referências

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero da experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software IRAMUTEQ**. 2018. Disponível em <<http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>>. Acesso em 11 jul. 2023.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto enfermagem**, v. 15 n. 4, p. 679-684, 2006.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, 312, p. 119-136, janeiro-abril/2015.

COZBY, Paul. 2003. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas.

CYRINO, Rafaela. A deriva transfóbica do feminismo radical dos anos 1970. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 39, n. 79, jan./abr., 2023.

DOISE, Willem; CLEMENCE, Alain; LORENZI-CIOLDI, Fabio. **The quantitative analysis of social representations**. Hempel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José T. C. Netto. São Paulo: Perspectivas, 1978.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13. Ed. Trad. Maria Thereza C. A. e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3 Ed. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GERMON, Jennifer. **Gender: A Genealogy of an Idea**. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Psicologia Política**, v. 18, n 43, p. 449-502, set. – dez. 2018.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. V. Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2(56), p. 17-23, 2018.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

POTTER, Jonathan; WETHERELL, Margaret. **Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour**. London: Sage Publications, 1987.

RATINAUD, Pierre. **IRAMUTEQ**: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires. [Programa de computador]. 2009. Disponível em <<http://www.iramuteq.org>>. Acesso em 08 jun 2023.

REINERT, Max. ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de Gerard de Nerval. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, n. 26, p. 24-54, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.